

M 723

Falas da Gente do Brasil

1932

RUBEM BRAGA

ENCONTREI certa vez, no livro *O Soldado Prático*, de Diogo do Couto, a expressão tão nossa familiar «pagar o pato». O livro foi escrito por volta de 1600, e uns 50 anos antes, Sá de Miranda usara a mesma expressão em uma de suas cartas em verso. O interessante da história é que tanto a obra de Diogo do Couto como a de Sá de Miranda foram publicadas na Coleção de Clássicos «Sá da Costa», anos atrás, com o texto fixado, notas e prefácio de Rodrigues Lapa. Pois Rodrigues Lapa, cujo trabalho, aliás, é excelente — se acha na obrigação de explicar ao leitor lusitano moderno o que quer dizer «pagar o pato». No livro de Sá de Miranda, êle dá, ao pé da página, a seguinte nota interrogativa: «pagar o pato: pagar o prejuízo que outrem fêz?» Na edição do *Soldado*, que é posterior, já não há nenhuma interrogação. Êle explica que o sentido da expressão é «ficar prejudicado, pagar as favas». Para o leitor brasileiro seria completamente desnecessária a nota explicativa. Como tantas outras palavras e expressões arcaicas, essa subsiste no Brasil, e até mesmo com aparência de gíria carioca...

* * *

O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, é meu instrumento diário de trabalho, e lhe devo mil lições. É, assim, com espírito de cooperação, que deixo aqui umas pequenas observações.

Puã — Não há meio do *Dicionário* acertar com essa palavra. Antigamente dizia que era um «crustáceo semelhante ao siri». Hoje (tenho a 10ª edição) diz que é «fêmea dos siris». Qualquer pescador ou menino de beira de rio ou praia, pelo menos no Espírito Santo e no Estado do Rio, chama de **puã** a pinça, a tenaz do siri, ou camarão, de qualquer crustáceo. Até a gente se aplica: «tira essa puã daí!»

Rufião — Aqui mestre Aurélio acompanha Caldas Aulete e Moraes Silva, mas não a voz do povo. **Rufião**, aplicado a animal, é dado como sinônimo de **garranhão**, cavalo destinado à reprodução. Foi o jornalista Castejon Blanco que me chamou a atenção para êsse engano. Qualquer criador de cavalo ou boi chama de **rufião** exatamente o animal que não é reprodutor: o que, por motivo naturais ou artifício usado pelo criador, cobre a fêmea, apressando ou ativando o seu cio, mas não se reproduz, embora facilite a tarefa do **garranhão**, do reprodutor. Até João Leite e o Antônio Bandeira, que são os mais recentes fazendeiros de gado do Brasil, já sabem que o **toouro rufião** é colega da **vaca maninha**...

Maratimba é dado como sinônimo de **caipira**, habitante do campo. No Espírito Santo é o sujeito de Marataíses, homem de praia, pescador, em contraposição ao **mocorongo**, sujeito do interior, da roça.

A palavra me é especialmente grata porque, quando comecei a escrever em jornal — no *Correio do Sul*, lá de Cachoeiro de Itapemirim — todo verão eu mandava da praia, crônicas sob o título: *Correio Maratimba*. São os **maratimbas** que cantam e dançam o **catambá**, regionalismo anotado por mestre Aurélio.

Outras coisas ficam para outro dia.

DN - 24.5.67

277